

Perspectivas decoloniais para uma prática em Dança: Técnica Acogny e as possibilidades epistemológicas afro-orientadas para dança no Brasil

Palavras-Chave: Técnica Acogny; Afro-orientação; Relações Sul-Sul;

Autores(as):

Bolsista: Stephanie Borges Viana, [Instituto de Artes, Unicamp]

Orientadora: Prof^a Dr^a Mariana Baruco Machado Andraus [Instituto de Artes, Unicamp]

1. Apresentação

A presente pesquisa visa investigar a Técnica Acogny em seus aspectos práticos, filosóficos e conceituais, bem como os seus fundamentos e simbologias. Utilizando uma metodologia prático-teórica, são analisadas tanto a técnica quanto às práticas artístico-pedagógicas em dança no Brasil que se estruturam a partir da relação e referência de Germaine Acogny e sua técnica e que dialogam com o conceito de na afro-orientação (SILVA, 2018).

A principal referência no que diz respeito à Técnica Acogny é o livro *Dança Africana*¹ (ACOGNY, 2022), que aponta os princípios da técnica pela perspectiva de sua criadora. Para as reflexões iniciais utilizou-se a elaboração de intelectuais como Luciane Ramos-Silva (2017) Mogobe Ramose (2011); Renato Noguera (2012), Boaventura Sousa Santos (2009), Roberta Ferreira Roldão Macauley (2022); Aníbal Quijano (2009); Amy Swanson (2019), entre outros.

O objetivo central desta pesquisa é responder às seguintes questões: Quais os fundamentos da Técnica Acogny e como eles dialogam com o contexto brasileiro? Quais conexões são possíveis estabelecer com essa técnica? Essas indagações contribuem com as reflexões sobre ampliação de paisagens epistemológicas no campo da Dança a partir da decolonialidade e das relações Sul-Sul.

2. Metodologia

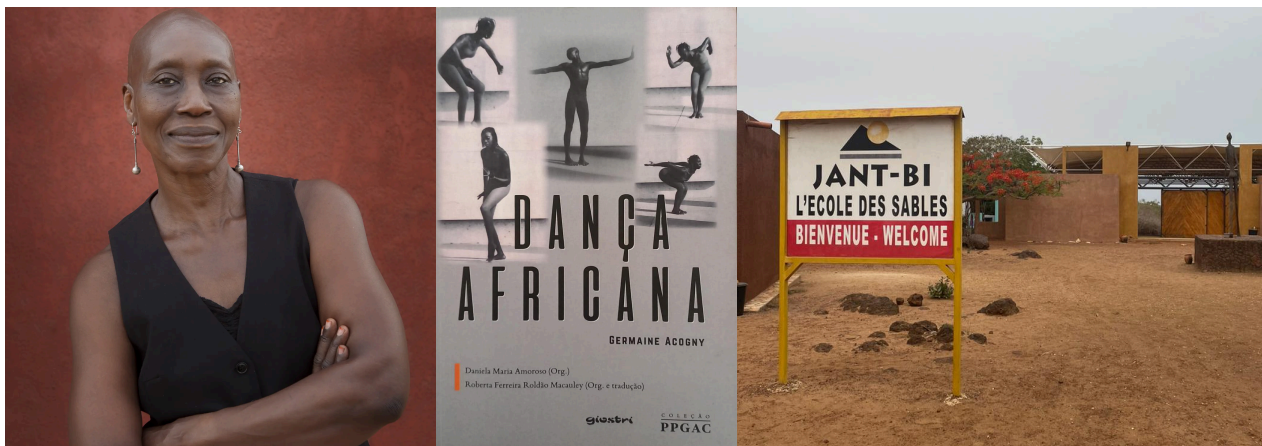


Imagem I, II e III: Germaine Acogny; Livro *Dança Africana* e *École des Sables* - Senegal. Fonte: I - imagem da internet; II e III acervo pessoal da pesquisadora.

A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma metodologia teórico-prático em que foram realizados levantamentos e análise de referências bibliográficas, pesquisa de campo na *École des Sables* no curso Workshop Internacional Profissional para estudo e imersão de Técnica Acogny e estudos criativos a partir dos princípios da

¹tradução do livro *Danse Africaine* (1980) para o português;

técnica Acogny. O objetivo era que a pesquisa pudesse contemplar aspectos práticos e teóricos que estruturam a da técnica Acogny enquanto prática de dança, refletir sobre sua atuação no campo expandido da dança e suas reverberações no contexto do Brasil.

Para a organização da pesquisa, foi feito um cronograma com as atividades a serem realizadas ao longo da vigência do projeto de iniciação científica. As etapas são (i) levantamento bibliográfico; (ii) leituras e fichamentos dos textos; (iii) escrita e submissão do relatório parcial; (iv) imersão e estudo de Técnica Acogny/pesquisa de campo; (v) pesquisa criativa a partir dos fundamentos da técnica Acogny (vi) escrita e submissão do relatório final.

3. Discussão

Biografia de Acogny: reflexões sobre a concepção de sua técnica e as matrizes que a estruturam

Germaine Acogny, do Benin, do Senegal, da França, do mundo. A conhecida “mãe da dança africana” em que seus pés já pisaram nos cinco continentes. A bailarina e coreógrafa nasceu em 1944 no Benin (antigo Daomé) e aos cinco anos de idade, ela e sua família mudaram-se para o Senegal, ela afirma² que tem o instinto do Benin e o gesto senegalês.

Em 1962, Germaine ingressou na escola Simon Siegel, em Paris para estudar educação física, que em sua grade possuía aulas de dança, seu deslocamento deu-se também porque em seu país não existia a profissão de artista da dança. Essa experiência marca o início das provocações que a levaram à elaboração de sua Técnica. Em 1965, Acogny retorna ao Senegal e inaugura Em 1968, inaugurou sua primeira escola no Dakar, o *Institut Des Art de Dakar*, um grande feito para uma mulher recém divorciada naquele contexto. Nesse período, foi aprimorando o desenvolvimento de sua técnica, mas só teve a oportunidade de compartilhá-la com consistência e complexidade quase dez anos depois, em 1977.

Do ano de 1977 a 1982, assumiu a direção artística da *Mudra³ Afrique*, uma escola pan-africana de formação artística para dançarinos de todo continente. No âmbito da escola, essa parceria foi desenvolvida sob a direção geral do coreógrafo e bailarino francês Maurice Béjart⁴ (1927- 2007), sob incentivo político-cultural da gestão do presidente Leopold Sedar Senghor que tinha como princípios políticos-filosóficos o enraizamento e abertura, que Germaine mantém como premissas de sua filosofia de vida e da técnica. Em 1980, próximo ao encerramento das atividades⁵ do *Mudra Afrique* (que se concretizou em 1982), ela escreveu o livro *Danse Africaine*, que demonstrou-se como a possibilidade de sistematização dos saberes que vinha elaborando desde seu ingresso à escola Simon Sigel.

Para compreender a sistematização e difusão da Técnica Acogny é necessário retornar à sua infância, quando começa a ter contato com as danças tradicionais da África do Oeste, sob influência primeira de sua avó *Alopho*, uma sacerdotisa yoruba, que representa uma figura ancestral importantíssima para Acogny. Sua fonte de inspiração se estende às danças ancestrais vivenciadas a partir de sua avó, incorporando a musicalidade, gestos associados aos elementos da natureza e suas simbologias, articulando-os com as práticas da Dança Clássica europeia e com a Técnica Graham, tendo como base estruturante, a coluna vertebral.

A articulação entre esses saberes só é possível pelo perspectivismo enraizado no pensamento africano, que permite a coexistência de vários saberes em diálogo, em contraponto à perspectiva universalista europeia. A proposta de Acogny alinha-se ao conceito de pluriversalidade pois ela não hierarquiza os saberes que constituem sua técnica: “A pluriversalidade é o reconhecimento de que todas as perspectivas devem ser válidas; apontando com equívoco o privilégio de um ponto de vista” (NOGUERA, 2012, p. 64).

A legitimidade dos saberes constituintes da Técnica Acogny é estabelecida por meio da experiência na esfera corporal vivenciado por ela em seu processo formativo, que reconhece as potências das técnicas que pôde investigar em seu próprio processo pessoal. É imprescindível ressaltar sua perspicácia e sabedoria, especialmente

² Em uma entrevista concedida para a ABRACE (Associação Brasileira em Arte da Cena).

³ Antes da construção da *Mudra Afrique*, já existia uma escola *Mudra* na Bélgica coordenada por Maurice Béjart que tinha como princípio o cruzamento entre culturas e essas lógicas foram importadas na elaboração pedagógica da *Mudra Afrique*, sobretudo, a perspectiva eurocêntrica enquanto centro das relações.

⁴ O bailarino e coreógrafo francês Maurice Béjart (1927-2007), desempenhou papel crucial na dança moderna e contemporânea. Fundou o Ballet du XXe Siècle em 1960, destacando-se internacionalmente. Sua abordagem inovadora mesclava ballet clássico, dança moderna e influências culturais diversas. Béjart criou peças que exploravam questões sociais e políticas. Recebeu vários prêmios, deixando um legado duradouro na dança, inspirando artistas globalmente.

⁵ A falta de recursos financeiros recorrentes da nova gestão do Governo do Senegal levou à interrupção das atividades da instituição.

em um cenário permeado pela colonialidade. Este movimento resguarda uma estratégia de sobrevivência, visando a expansão de horizontes tanto para a dança africana quanto para os bailarinos africanos.

O reconhecimento de Germaine enquanto mãe da dança Africana não é em vão, é assim reconhecida porque como pontua Silva (2018) ela introduziu o pensamento negro na modernidade: “quando situamos e reforçamos tempo, espaço e contexto histórico, insistimos em assinalar que a coreógrafa insere os saberes africanos na modernidade, a mesma modernidade que excluiu e alienou o protagonismo negro” (SILVA, 2018, p. 211) e continua o seu processo de expansão e cultivo através da École des Sables⁶. A pluriversalidade emerge então, como um componente-chave, sendo a estratégia adotada o caminho para a sobrevivência, sem renunciar ao que é essencial, a africanidade como face e fundamento.

Artistas do Brasil, Germaine Acogny e afro-orientação

No cenário artístico brasileiro, destacam-se a presença de artistas-bailarinos-coreógrafos que orientam suas produções em diálogo e referência a Germaine Acogny, sua técnica e a experiência na École des Sables. Entre os artistas que se destacam nesse contexto está Rui Moreira, que pioneiramente promoveu um intercâmbio cultural entre seu grupo artístico, a Cia SeráQuê? e o universo da École des Sables. Além disso, o trabalho da Prof^a Dr^a Luciane Ramos-Silva, intitulado "CORPO EM DIÁSPORA: colonialidade, pedagogia de Dança e técnica Germaine Acogny" (2018), também contribui significativamente para a discussão da técnica de Acogny. Em 2020, foi escrita a dissertação de mestrado *Corpo em cruzo: uma possibilidade de articulação entre os estudos culturais e a dança moderna africana de Germaine Acogny*, de Thaís Lopes Santos de Azevedo na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). No mesmo ano, foi produzido o espetáculo “Meus cabelos de baobá”, com texto e atuação de Fernanda Dias e direção de Vilma Melo, fruto também dessa relação e, recentemente, em 2022 a tese “Movimento dos Baobás” de Roberta Ferreira Roldão Macauley (2022) também se destacou por utilizar a técnica de Germaine Acogny em sua produção artística.

Esses artistas suleiam⁷ suas obras a partir do diálogo e referência com proposta de Germaine e compartilham afro-orientação⁸ como fundamento, esses trabalhos são representantes da sua influência no contexto brasileiro, pensado à luz das relações diaspóricas, da decolonialidade e de uma lógica de fortalecimento mútuo entre o Brasil e o Senegal. Pode-se notar também que as pesquisas nessa relação são relativamente recentes e é um campo majoritariamente mobilizado por pesquisadores negros.

Diante do exposto, torna-se evidente que a presença e influência de Germaine Acogny na esfera artística brasileira são marcantes, porém recentes. Sobretudo no contexto de atuação desses artistas-bailarinos-coreógrafos citados. A interseção com a técnica de Acogny, sua escola e sua filosofia geram um diálogo frutífero e uma fonte de inspiração para profissionais no Brasil. A pesquisa acadêmica, os intercâmbios culturais e as produções artísticas, como espetáculos e teses, refletem a relevância crescente desse diálogo. Este movimento não apenas enriquece as produções artísticas, mas também contribui para a compreensão mais ampla das danças africanas e afro-diaspóricas.

Corpo, fundamentos da técnica Acogny e simbologias

Na Técnica Acogny, o corpo é integral, como evidenciado em suas simbologias: o Sol representa o peito, o púbis são as estrelas e as nádegas as luas. Segundo Acogny, o corpo assemelha-se a um cosmos, o universo em movimento. A ideia de cosmos nessa elaboração não se restringe apenas a organização técnica, mas também se baseia na integração e inspiração provenientes da relação do corpo com a natureza, ela se estrutura enquanto princípio técnico na “serpente da vida”, na coluna vertebral.

⁶ Centro Internacional de danças tradicionais e contemporâneas no Senegal, fundado por Germaine Acogny e Helmut Vogt. em 2004.

⁷ Noguera (2012), apresenta o verbo *sulear* como a contraposição equivalente ao verbo “nortear”, a partir da perspectiva das epistemologias do Sul que hierarquiza o norte a partir de dicotomias como periferia *versus* centro.

⁸ A noção de afro-orientação levanta a crítica acerca da universalização da perspectiva ocidental, propondo uma virada de prisma para o entendimento dos sistemas estético-poéticos além daqueles oferecidos pelos espaços legitimados de poder. Assim, a proposta de afro-orientação não é especificismo. Tocamos em pontos articulares de nossa própria sociedade reconhecendo os conteúdos africanos que estruturam a experiência brasileira. Afro-orientação foi também pensada em relação crítica com afro-centricidade, conceito que, embora fundamentado no estabelecimento de pressupostos críticos ao subjugo histórico da experiência negra, mantém um conteúdo conceitual pautado eventualmente por uma certa glorificação e manutenção de uma ideia exclusivista sobre as civilizações africanas que pode se chocar com nossa premissa da relação, recaindo em concepções binárias. (SILVA, 2017, p.67).

A técnica possui 4 principais fundamentos: 1) Ondulação; 2) Contração; 3) Pulsação e 4) Vibração, Germaine Acogny afirma: “Realizo uma dança moderna fundamentada na dança tradicional porque as raízes correspondem à verdade.”(1994)⁹.

Ao codificar os movimentos e ao dar um nome à sua técnica, Acogny desafia implicitamente as percepções de uma "dança africana" intemporal e uniforme e perturba um binário em que o individualismo e a inovação são considerados prerrogativas dos artistas brancos euro-americanos, enquanto as práticas de dança dos artistas de cor do Sul Global são continuamente relegadas para ideias de comunidade e tradição (Chatterjea, 2004 apud SWANSON, 2019, p.4 - tradução nossa).

A abordagem de Germaine Acogny desafia noções pré-estabelecidas sobre a dança africana, rompendo com estereótipos e reivindicando a contemporaneidade e a inovação como parte essencial da sua proposta artística. Dessa forma, a Técnica Acogny não apenas oferece um repertório técnico, mas também convida a compensar as relações entre corpo, cultura e tradição, apontando para um horizonte de constante movimento e respostas às demandas do tempo presente.

4. Considerações Finais

Uma das motivações para a realização dessa pesquisa, foi a possibilidade de investigar as potenciais contribuições da Técnica Acogny para o cenário da dança no Brasil. No presente tópico, compartilho as reflexões que têm respondido às hipóteses propostas na elaboração deste estudo. A trajetória, vivência e pesquisa de Germaine Acogny oferece pistas sobre como avançar na discussão sobre a dança contemporânea brasileira: o movimento de Acogny de articular as diversas influências que a compõem e eleger a perspectiva africana como orientação, permite-se uma pluriversalidade epistêmica (Ramos, 2011) no campo da produção de conhecimento.

No contexto brasileiro, seria fundamental a consideração da contribuição africana na dança contemporânea brasileira, sem especificismo, pois em um país em que possui a maior população negra do mundo fora do continente africano valorizar a cultura negra deveria ser um fundamento. Observar o trabalho de Germaine em sua Técnica e na École des Sables e as experiências de brasileiros nessa instituição, mobiliza reflexões sobre *ecologia de saberes*¹⁰ (SANTOS, 2009) esse conceito consiste em uma estratégia de emancipação social a partir do diálogo orgânico entre oprimidos fortalecendo ambas as potências enfraquecidas pelo colonialismo. Em suma, a aproximação entre Brasil e Senegal pelos espaços de dança me parece, contudo, muito fértil, contendo saberes que podem contribuir para novas perspectivas sobre o fazer dança africana e o contato com as suas diásporas.

5. Agradecimentos

Agradeço à Fapesp, pela concessão da bolsa (processo 2023/04902-0) para o desenvolvimento desta pesquisa. Agradeço a Prof^a Dr^a Mariana Baruco Machado Andraus pela orientação e apoio, a Prof^a Dr^a Luciane Ramos-Silva pela orientação e ponte com a École des Sables, no Senegal e agradeço a Unicamp pelo financiamento para viagem ao Senegal.

6. Bibliografia

ACOGNY, Germaine. Dança Africana. In: AMOROSO, Daniela Maria; MACAULEY, Roberta Ferreira Roldão (org) - São Paulo: Giostri, 2022.

NOGUERA, Renato. **Denegrindo a educação: Um ensaio filosófico para uma pedagogia da pluriversalidade.** Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação. Número 18: maio- out/2012.

MIGNOLO, W. **Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 32, n. 94, p. 01 - 18, jun./2017.

⁹ Entrevista dada na Bienal de Lyon, em 1994. Mais detalhes em

<https://conectedance.com.br/diaadia/rui-moreira-lanca-projeto-inovador-sobre-arte-negra-no-brasil-e-faz-parceria-com-germaine-acogny/>

¹⁰ consiste em uma estratégia de emancipação social a partir do diálogo orgânico entre oprimidos. O autor discorre: “A ecologia de saberes é um conceito que visa promover o diálogo entre vários saberes que podem ser considerados úteis para o avanço das lutas sociais pelos que nelas intervêm.” (SANTOS, 2009, p. 332).

PERETTA, Éden; AZEVEDO, Thais Lopes Santos de. **Esboços de uma corporeidade decolonial na Dança Moderna Africana de Germaine Acogny**. *Moringa - Artes do Espetáculo, [S. l.]*, v. 13, n. 1, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/moringa/article/view/63332>. Acesso em: 24 jan. 2023.

QUIJANO, A. **Colonialidade do poder e classificação social**. In: SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. (orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 84 - 130.

RAMOSE, Mogobe. **Sobre a legitimidade e estudo da filosofia africana**. In: *Ensaio Filosóficos, Volume IV - outubro/2011*, pp. 9-25. Disponível em: http://www.ensaiofilosoficos.com.br/Artigos/Artigo4/RAMOSE_MB.pdf. Acessado em 05 fev. 2024.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org.) **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições ALMEDINA, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências**. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org). *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado*. São Paulo, Cortez, 2004.

SILVA, Luciane da. **CORPO EM DIÁSPORA: Colonialidade, pedagogia de dança e técnica Germaine Acogny**. Tese de Doutorado em Artes da Cena. Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: [s.n.], 2018.

SILVA, Luciane Ramos.; SANTOS, Inaicyr Falcão dos. **Colonialidade na dança e as formas africanizadas de escrita de si: perspectivas sul- sul através da técnica Germaine Acogny**. *Conceição/Conception, [S. l.]*, v. 6, n. 2, p. 162–173, 2017. DOI: 10.20396/conce.v6i2.8648597. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conce/article/view/8648597>. Acesso em: 5 fev. 2024.

SWANSON. Amy. **Codifying African dance: the Germaine Acogny technique and antinomies of postcolonial cultural production**. *Critical African Studies*. 2019.